

 <p>ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN FAMECOS</p>	<h1>REVISTA FAMECOS</h1> <p>mídia, cultura e tecnologia</p> <p>Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 32, p. 1-15, jan.-dez. 2025 e-ISSN: 1980-3729   ISSN-L: 1415-0549</p>
<p> <a href="https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2025.1.46860">https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2025.1.46860</a></p>	

SEÇÃO: COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

## Empreendendo na memória: anacronismo biográfico nas narrativas de vida empresariais

*Entrepreneurship in memory: biographical anachronism in entrepreneurial life narratives*  
*Emprendimiento en la memoria: Anacronismo biográfico en las narrativas de la vida empresarial*

**Marcelo dos Santos**

**Marcelino<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0002-2499-6207](https://orcid.org/0000-0002-2499-6207)  
[marcelino.mds98@gmail.com](mailto:marcelino.mds98@gmail.com)

**Igor Sacramento (in memoriam)<sup>2</sup>**

[orcid.org/0000-0003-1509-4778](https://orcid.org/0000-0003-1509-4778)  
[igorsacramento@gmail.com](mailto:igorsacramento@gmail.com)

**Recebido em:** 13 set.2024.

**Aprovado em:** 29maio.2025.

**Publicado em:** 05 ago.2025.

**Resumo:** Temos identificado que uma explosão de biografias sobre empresários acompanha uma transformação no próprio *status* dos empresários em empreendedores na cultura neoliberal contemporânea. Essas biografias propõem certa subjetividade vinculada à forma-empresa, dependendo fundamentalmente de jogos e manipulações de sentidos entre memória e história. Neste artigo, analisamos três biografias de empresários, a partir de cinco livros: *Luiza Helena: mulher do Brasil* (Bial, 2022), sobre Luiza Trajano, *O X da questão* (Batista, 2011), sobre Eike Batista, e *Barão de Mauá: empresário do Império* (Caldeira, 1995) e *Barão de Mauá: empreendedor do Império* (Barão [...], 2018), sobre a vida de Barão de Mauá, além da coletânea de perfis biográficos *Pioneiros & Empreendedores: a saga do desenvolvimento no Brasil* (Marcovitch, 2003). O objetivo da análise é refletir sobre como a biografia é um elemento fundamental para pulverizar narrativas de um novo espírito do capitalismo. Concluímos que o anacronismo biográfico é uma forma alegórica estratégica de fazer do passado um exemplo para o presente.

**Palavras-chave:** anacronismo; biografia; empreendedorismo; neoliberalismo; presentismo.

**Abstract:** We have identified that an explosion of biographies about businesspeople accompanies a transformation in the very status of businesspeople as entrepreneurs in contemporary neoliberal culture. These biographies propose a certain subjectivity linked to the corporate form. This biographies depend fundamentally on manipulations of meanings between memory and history. In this article, we analyze three biographies of businesspeople based on five books: *Luiza Helena: mulher do Brasil* (Bial, 2022), about Luiza Trajano, *O X da questão* (Batista, 2011), about Eike Batista, and *Barão de Mauá: empresário do Império* (Caldeira, 1995) and *Barão de Mauá: empreendedor do Império* (Barão [...], 2018), about the life of Barão de Mauá, in addition to the collection of biographical profiles *Pioneiros & Empreendedores: a saga do desenvolvimento no Brasil* (Marcovitch, 2003). The objective of this analysis is to reflect on how biography is a fundamental element in pulverizing narratives of a new spirit of capitalism. We conclude that biographical anachronism is a strategic allegorical way of making the past an example for the present.

**Keywords:** anachronism; biography; entrepreneurship; neoliberalism; presentism.

**Resumen:** Hemos identificado que una explosión de biografías sobre empresarios acompaña una transformación en el estatus mismo de los empresarios como empresarios en la cultura neoliberal contemporánea. Estas biografías proponen una cierta subjetividad vinculada a la forma corporativa, dependiendo fundamentalmente de juegos y manipulaciones de significados entre la memoria y la historia. En este artículo, analizamos tres biografías de emprendedores basadas en cinco libros: *Luiza Helena: mulher de Brasil* (Bial, 2022), sobre Luiza Trajano, *o X da questão* (Batista, 2011), sobre Eike Batista, y *Barão de Mauá: empresário do Império* (Caldeira, 1995) y *Barão de Mauá: empreendedor do Império* (Barão



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

[...], 2018), sobre la vida del Barón de Mauá, además de la colección de perfiles biográficos *Pioneiros & Empreendedores: a saga do desenvolvimento no Brasil* (Marcovitch, 2003). El objetivo del análisis es reflexionar sobre cómo la biografía es un elemento fundamental en la difusión de narrativas de un nuevo espíritu del capitalismo. Concluimos que el anacronismo biográfico es una forma alegórica estratégica de hacer del pasado un ejemplo para el presente.

**Palabras-clave:** anacronismo; biografía; emprendimiento; neoliberalismo; presentismo.

## Introdução

Não raramente, encontramos diversos livros, *podcasts* e publicações nas mídias digitais que falam sobre a vida de empresários ou de empreendedores. Narrar vidas empresariais tem sido uma prática crescente, exemplificando trajetórias marcadas pelos signos do capital, do sucesso e da mídia. Os empresários biografados não devem ser vistos apenas como pessoas de sucesso no universo corporativo ou de negócios, mas como pessoas de relevância em outros campos sociais, especialmente a cultura e a política. No caso dos livros, argumentamos que a escrita deles tem um intuito ainda maior, nem sempre deliberado: construir uma memória sobre suas trajetórias pessoais, destacar as contribuições de cada um para a comunidade e, sobretudo, dar condições simbólicas para uma imagem positiva no futuro. O material biográfico, então, não é somente algo ligado ao tempo passado, como também estreitamente associado ao presente, com vistas a um *porvir*. Nesse sentido, cada produto biográfico convoca diferentes temporalidades, entre a história pessoal e a macro-história, narradas como expressões de um espírito do tempo que propõe a celebrificação (Driessens, 2014) e a ampla valorização da figura empresarial na vida social (Ehrenberg, 2010).

Porém, destacamos que o tempo presente oferece condições materiais e simbólicas não só para a produção, a circulação e o consumo de produtos biográficos ou autobiográficos de empresários; ainda, propõe uma certa subjetividade, vinculada à forma-empresa (Dardot; Laval, 2016; Foucault, 2008). Identificamos que o desejo e a vontade de narrar histórias de vida de empresários acompanham uma transformação

no próprio *status* dos empresários no contemporâneo. Agora, cada um deles incorpora um projeto memorialístico, que busca, em primeiro momento, tratar de suas novas nomeações no contemporâneo – são, antes de empresários, empreendedores – e, segundo, descrever a nova “ética” de si, que contempla ações voltadas à resolução dos problemas nacionais, como a desigualdade social. Essa descrição, porém, não escapa da narrativa sobre suas vidas e memórias pessoais, seus familiares e seus acontecimentos marcantes na vida, geralmente apelativos às dificuldades e aos traumas. Alguns nomes mais notáveis, partes representantes desse processo cultural, são: Roberto Justus, Abílio Diniz, Eike Batista, Antônio Ermírio de Moraes, Jorge Paulo Lemann, Roberto Marinho e Luiza Trajano. Todos eles possuem biografias ou autobiografias, lançadas a partir dos anos 2000, quando identificamos, em uma pesquisa de maior complexidade, a explosão de livros biográficos preocupados com essa temática.

Porém, dentro deste contexto de crescimento exponencial do interesse em falar sobre essas trajetórias, interessa-nos falar, aqui, não apenas dos livros biográficos ou autobiográficos lançados recentemente, mas tratar de uma dimensão que, muitas vezes, escapa ao observar esse processo comunicacional: a edição permitida pelo biográfico. Nosso intuito, portanto, é pensar em como figuras empresariais do passado, que não eram nomeadas como empreendedoras, são “atualizadas” com a nova roupagem discursiva do imaginário do empreendedor-de-si (Foucault, 2008). Este texto tem o objetivo de discutir aspectos do que chamamos de “anacronismo biográfico” nas narrativas de vidas empreendedoras.

A partir da análise de livros biográficos de três empresários brasileiros de períodos distintos da história brasileira, procuraremos refletir como a biografia, como dispositivo de subjetivação (Foucault, 2022), desempenha papel fundamental na construção de uma realidade permeada pelo imaginário permanente do modo de vida e do *ethos* empreendedor. Ao levar em conta a historicidade do processo comunicacional de

construção do sujeito empreendedor, analisamos como o regime de governamentalidade neoliberal contemporâneo consegue revisitar o passado e narrar a *existência empreendedora* como algo cultural e socialmente perene, como um real e uma verdade. Tomar a biografia como dispositivo é levar em conta o modo como a biopolítica neoliberal, ao instaurar regimes de poder-saber guiados pelo capital e pela nova forma do *homo economicus* – o modelo da forma-empresa –, instaura modos de *qualificar, medir, avaliar e hierarquizar* os sujeitos. Pensar o biográfico como dispositivo é uma maneira de perceber como o poder fala através dele, funcionando como uma “realidade com função simbólica” (Foucault, 2022, p. 159).

Explicamos o processo de anacronismo biográfico em dois níveis. No primeiro, o individual, tratamos das histórias de empresários que narram aspectos da sua vida pessoal e das suas memórias. Aqui, o passado pessoal é mobilizado anacronicamente para apontar um *desde sempre* empreendedor. São narrativas que descrevem suas vivências a partir de jogos memoráveis, que destacam como o espírito empreendedor é algo quase inato, transmitido pelos ensinamentos dos pais e pelas experiências, colocadas como lugar de autoridade e verdade. No segundo nível, o social, investigamos o anacronismo biográfico, a partir do processo de escrita sobre o outro. Nesse caso, analisamos a construção da narrativa de livros biográficos que tratam de empresários pertencentes a um período mais remoto da história, quando o termo “empreendedor” não existia da mesma forma como hoje, e o próprio neoliberalismo inexistia como racionalidade econômica de Estado no Brasil. Analisamos, ainda, figuras pertencentes ao período imperial brasileiro, mas que hoje são vistas como empreendedores. Nesse momento, tratamos de pensar em como o regime de historicidade do presente (Hartog, 2013) consegue, também, manipular os elementos do passado e os entendimentos balizados consensualmente pela historiografia ao longo do tempo. Haveria empreendedores no Império brasileiro? Como chegamos a essa conclusão no presente?

Em ambos os níveis, partimos da compreensão de que a memória e o biográfico são lugares centrais para afirmar o sujeito do empreendedorismo no contemporâneo. Se compreendemos que nenhum processo comunicacional se dá pela pura transmissão racional de ideias e mensagens (Sodré, 2014), ou seja, sem implicar sujeitos no real-histórico, conseguimos compreender que os modelos e regimes de subjetivação do empreendedor-de-si, apoiada na biopolítica neoliberal (Foucault, 2008), fazem-se, também, pela descrição e narração de biografias do passado à luz do presente.

Em termos metodológicos, utilizaremos, para esta análise, um total de cinco livros biográficos que tratam de empresários brasileiros. Dois deles são de empresários contemporâneos ainda vivos, com destaque nacional e midiático: Luiza Helena Trajano e Eike Batista, com as biografias *Luiza Helena: mulher do Brasil* (Bial, 2022) e *O X da questão* (Batista, 2011). As outras duas obras são de empresários e comerciantes pertencentes a outros períodos históricos, sendo uma do empresário do século XIX Barão de Mauá – *Barão de Mauá: empresário do Império* (Caldeira, 1995) e *Barão de Mauá: empreendedor do Império* (Barão [...], 2018) –, e outra, com perfil de coletânea – *Pioneiros & Empreendedores: a saga do desenvolvimento no Brasil* (Marcovitch, 2003) –, que descreve diversos personagens da história, os quais, segundo o autor, eram empreendedores. Nessa última, analisamos a figura dos irmãos Prado, netos do Barão de Iguape, Antônio da Silva Prado (século XIX).

Para capturar os elementos de construção desses anacronismos biográficos, partimos da busca de vestígios narrativos que indicam a produção de sínteses de uma *afirmação empreendedora*, expressas como uma suposta identidade permanente do sujeito biografado. Entendemos que é na produção de uma síntese narrativa sobre uma vida, com vistas à constituição de uma memória sobre o biografado, que se pode operar o anacronismo biográfico. Como Arfuch (2010), entendemos que, numa biografia, os fatos da vida de alguém exigem uma certa historicidade

dos acontecimentos e, por essa razão, devem ser vistos num jogo duplo entre história e ficção (esta no sentido de uma construção de uma *obra literária*, e não como simples invenção). Assim, o produto biográfico pode ser interpretado como testemunho, arquivo ou documento tanto de uma história pessoal quanto de uma certa época. Partindo de Paul Ricoeur, a autora lembra que a relação entre temporalidade e experiência pode levantar marcas sobre o passado e fazer uma "antecipação para o imprevisível" (Arfuch, 2010, p. 118). É nesse sentido que vemos a produção de biografias empreendedoras: uma preocupação com o futuro e, ao mesmo tempo, com o passado, na forma de revisões.

Assim, partimos de uma compreensão dos livros biográficos (biografias e autobiografias) como documentos vinculados à historicidade de um processo comunicacional em expansão e continuidade no contemporâneo: o espraio do modelo moral e subjetivo da vida empresarial na cultura. Entendemos que esses documentos são, além de registros, vestígios de uma determinada ordem do tempo e de uma época que não ficou apenas no passado, mas que se apresenta no presente na forma de uma continuidade. Pretendemos, seguindo Barbosa e Ribeiro (2011, p. 22), reinterpretar o passado no presente, indo além dos anacronismos, porém reinstalando a *passividade do passado*. Ao falarmos de vestígio, partimos de uma compreensão dele como marca do passado que, ao ser notada no presente, adquire novas conotações e sentidos, a partir das questões que levantamos. Se concordarmos com o argumento de Ricoeur (2010b), para quem todo vestígio (na forma de documento, ruína ou monumento) é um sinal do passado que marca uma certa passagem de alguém ou de algo (processo, acontecimento, evento), daremos conta de que o vestígio trata de uma marca das ações dos sujeitos sociais, portanto é um "suporte duradouro para as ações dos homens" (Ricoeur, 2010b, p. 205).

Na concepção ricoeuriana, o documento guarda possibilidades de sentido sobre algo que pretendemos conhecer no presente. A autoridade

do documento, nos trabalhos que lidam com o passado, é possível porque existe uma vinculação entre a significância e o vestígio, que indica o *deixado* daquilo que por ali *passou* (Ricoeur, 2010a). Ao interrogar o passado (passado recente, no caso das biografias empreendedoras), nosso intuito é menos o de verificar os fatos narrados sobre essas vidas e trajetórias individuais de empresários e muito mais analisar como se articularam as narrativas entre poderes, os desejos de convencimento e o uso das palavras (Farge, 2022). Cada livro é um documento, com possibilidades de descortinar elementos de um processo comunicacional de ampliação e difusão de uma forma de vida e, também, de uma forma de narrar a si mesmo.

Dividimos esse texto em três seções. A primeira discutirá como o anacronismo pode ser visto, descrito e analisado em produtos culturais que lidam com o biográfico. No caso desta investigação, fruto de uma pesquisa de maior densidade, trataremos especificamente do anacronismo biográfico em livros, tomados como produtos da cultura: fazem a cultura e, ao mesmo tempo, são feitos por ela. O livro (auto)biográfico exerce, aqui, uma função simbólica de grande importância, pois pode ser entendido como um produto com sentido acabado e lapidado – embora não finalístico, uma vez que não está imune a outras interpretações –, de grande peso cultural para a maioria da população. Entendendo-os como documentos-vestígios, trataremos de pensar o ato de escrever sobre si ou sobre o outro como um ato de memória não somente individual, mas implicada cultural e socialmente (Castro, 2011). Portanto, também como um lugar para o anacronismo. Refletiremos sobre como as biografias comunicacionais (Sacramento, 2014) podem fazer usos e abusos do passado no presente.

Na segunda seção, abordamos o anacronismo na memória individual. Falaremos sobre as revelações íntimas de dois empresários conhecidos nacionalmente: Eike Batista e Luiza Trajano. Esses dois podem ser tratados como celebridades, pois fazem parte de um processo amplo de celebração da figura empresarial na cultura

mediática (Driessens, 2014), acompanhada de uma mudança no *status* do homem empresarial na cultura (Ehrenberg, 2010). Nosso intuito é observar como a narração da vida pessoal é atravessada por alterações de valores biográficos (Bakhtin, 2011) do passado pelas teias de significação do presente. O *ethos* e os valores característicos do empresário-de-si são vistos como quase inatos, elementos que fizeram parte das suas vidas desde a infância e, igualmente, de períodos específicos das suas vidas. Passamos, aqui, por alguns momentos-chave da trajetória dos empresários: (i) a infância, entendida como período seminal para o afloramento do espírito empreendedor e em que uma certa *pedagogia empreendedora* é sentida e incentivada, ainda que não existisse como dispositivo de subjetivação na sociedade; e (ii) trajetória e origem familiar, tendo os passados de outrem mobilizados para indicar a *existência empreendedora* e a permanência dela no sujeito do agora, operando como uma linha de transmissão de competências, afetos e racionalidades.

Por fim, na terceira seção, tratamos do anacronismo biográfico no nível da história social. Este será o momento de discutir alguns aspectos da operação anacrônica no nível da historiografia e do processo comunicacional, que transformou não apenas empresários em empreendedores (Ehrenberg, 2010), mas também comerciantes do Império. Refletimos sobre como alguns atores sociais são associados à imagem de empreendedores, bem como argumentamos como um determinado tempo pode ser revisto por novas temporalidades, de modo que o presente possa fazer contato com o passado e, ao mesmo tempo, o passado esteja imerso no presente.

### Anacronismo, biografia e história

A interdição do anacronismo na pesquisa histórica é conhecida há muito tempo. Ela foi estabelecida, principalmente, por Lucien Febvre. O livro *Le problème de l'incroyance au XVIe siècle: la religion de Rabelais* (Febvre, 1968) foi publicado, originalmente, em 1942. O fundador dos *Annales* procurou refutar a tese de Abel Lefranc, segundo

a qual Rabelais era um racionalista e um livre-pensador capaz de escapar às suas amarras da religiosidade de seu tempo. Essa proposição errada, para Febvre, seria o resultado de uma tendência ainda comum entre os historiadores de transportar suas categorias de análise para períodos em que são rigorosamente diferentes e não fazem sentido para o passado analisado. Enfim, Lefranc foi acusado de ler textos do século XVI com os olhos de um leitor do século XX. Um exame mais cuidadoso das ferramentas mentais do pensamento de Rabelais revelaria a impossibilidade de a descrença ser representada no nível linguístico mais básico, e, portanto, não existiriam condições para que o escritor do século XV se posicionasse como um racionalista incrédulo. A conclusão não poderia ser menos programática e normativa:

O problema consiste em determinar a exatidão de uma série de cuidados a serem tomados, de prescrições a serem observadas para que dois pecados sejam evitados, ou pecado irremissível entre todos: ou anacronismo (Febvre, 1968, p. 15).

O anacronismo, afinal, é a ação de situar um fato, um costume, um personagem etc. em uma época diferente daquela a que pertencem ou a que realmente correspondem. Com um olhar semelhante, Marc Bloch (1993, p. 176), companheiro de primeira hora de Febvre, afirmou que "os homens parecem mais parecidos com o seu tempo do que com o seu país".

Logo, o anacronismo, como relação para com o presente e com os seus regimes morais, busca oferecer um novo lugar ao passado: a relação com o presente é algo como um gatilho para questões passíveis de investigação sobre o passado, como é, também, a garantia de um regresso ao presente, de forma mais equilibrada e distanciada, mas, ao mesmo tempo, com novos conhecimentos do presente sobre o passado.

O anacronismo é uma forma de presentismo. Essa afirmação, muito atribuída a François Hartog (2013), não é inteiramente nova. O recorte de objetos e problemas históricos está sempre ligado ao presente dos historiadores. Considerando isso,

Nicole Loraux (1992) propõe levar a sério essa restrição e elucidá-la numa abordagem de "anacronismo controlado". Ora, essa abordagem não é uma abordagem primária, mas propriamente reflexiva, que pressupõe um conhecimento muito preciso do período em que somos especialistas, de modo a não o tornar meramente um reflexo do presente, e sim analisar, aprofundar e buscar novas questões para fazer no presente.

A presentificação da história, que se tornou mais acentuada, teve o efeito de experimentação moderna com a historicidade. Envolve uma redefinição da eventualidade, como abordagem a uma multiplicidade de possibilidades e de situações virtuais e potenciais, e não mais como o realizado em sua fixidez. O movimento tomou conta da atualidade, a ponto de modificar a relação com o passado. A leitura histórica do evento não é mais redutível ao evento estudado, mas considerada em seu traço, localizado em uma cadeia de eventos. Qualquer discurso sobre um evento conota uma série de eventos anteriores, o que dá toda a importância à relação com a estrutura discursiva que os conecta em uma trama. Essa história parte de preocupações atuais e não envolve apenas a abertura de um novo período. É, também, uma história diferente, que se procura na ruptura com o tempo único e linear e os modos pluralizantes de racionalidade, envolvendo o uso heurístico do anacronismo.

A concepção descontinuísta de historicidade acaba rompendo com uma abordagem linear e causal e favorece a natureza irredutível do evento, levando a um questionamento da visão teleológica de uma razão histórica sendo realizada ao longo de um eixo orientado. Walter Benjamin (1994), para definir entre os diversos momentos de tempo, mostra que um elo não é uma relação causal. Nessa perspectiva, o passado é contemporâneo do presente, porque o passado é constituído ao mesmo tempo que o presente pode sobrepor e não justapor. Eles são simultâneos e não contíguos. Benjamin (1994) pretende responder às expectativas não comprovadas de um passado e ao sofrimento dentro do próprio presente, pois é vigilante em tornar

possível uma atualização do esquecimento. A história é, portanto, feita no rescaldo num futuro anterior. Esse passado retorna, assombra o espaço dos vivos e está no modo como o sentido tenta ser expresso no presente; ademais, exige possuir a arte do presente, que é uma arte dos retrocessos. Isso convida o historiador a fazer uso do anacronismo, porque devemos, primeiro, seguir a linha do tempo e o acompanhar até a sua dolorosa eclosão final e, por último, quando chegar a hora, sair de sua longa paciência e de sua grande desconfiança, atacar, procurar e arrancar do tempo outras possibilidades – abrir uma porta entreaberta (Burke, 2006).

A partir do momento em que o historiador se distancia do conceito e da visão linear do tempo, com formas teleológicas, uma abordagem hermenêutica pode prevalecer. Isso envolve considerar tudo e, de forma diferente, o uso do anacronismo. Para Ricoeur (2010b), ser-afetado-pelo-passado é uma condição que traz consigo a ideia de um trabalho, de um agir no presente que projeta, a partir de uma dada experiência, um olhar sobre a mudança e sobre os movimentos do tempo. A ideia de um novo tempo, em torno de uma ruptura radical em relação com o passado, torna-se suspeita – ou está ligada à ideia de ilusão de origens ou é comprometida por tragédias desumanas. Isso resulta em uma crise, que nos leva a um futuro impossível e excluído; uma opacidade se reflete no nosso espaço de experiência, explicando o que Hartog (2013) descreve como presentismo: "Iestas são as principais características deste presente multiforme e multivocal: um presente monstro. Ele é tanto tudo (só existe o presente) como quase nada (a tirania do imediato)" (Hartog, 2013, p. 217). Essa retirada para o presente também explica o que Nora (1993) qualifica como momentos memoriais e mania espetacular de todas as formas de lugares de memória. O espaço de experiência assume dimensões sem limites, porque tudo pode ser encontrado em posição de dignidade histórica, como passado no presente. Revisitar o passado, de forma criativa, imediatamente, atuante como um recurso que pode revitalizar

nosso relacionamento com o futuro, modifica a relação com a tradição. O que poderia aparecer como uma reação de afastamento em direção ao imutável, diante dos medos suscitados e de muita mudança, torna-se uma fonte de transformação da tradição na tradição, como um tempo atravessado, possível fusão de horizontes, tornando, assim, a crítica ao anacronismo irrelevante. A tradicionalidade concebida por Paul Ricoeur (2010b) significa que a distância temporal que nos separa do passado não é um intervalo morto, mas uma transmissão geradora de sentido. O passado nos questiona, na medida em que vamos nos perguntar. Quanto ao presente, está colocado sob a égide do conceito de iniciação ativa, de um fazer e de um começo.

Há duas tradições diametralmente opostas em relação ao anacronismo: uma que considera uma temporalidade encadeada, produzindo épocas, períodos, eventos em cadeia e sucessão; e outra, em que a ideia de cadeia de acontecimentos é substituída por ruínas sobre ruínas, cacos dispersos e fragmentos, nos quais o historiador se encontra imerso, como herdeiro de um passado sempre inconcluso. Assim, o passado nunca é outro tempo; é, concomitantemente, o nosso tempo.

Nas biografias, o anacronismo é incontornável: é preciso (ou possível) recuperar o contexto da época para conferir ao biografado sentido, a partir do seu próprio tempo? Lilia Moritz Schwarcz (2013) avança nesse debate. Para ela, o gênero biográfico é tão popular que a reflexão sobre prática histórica intrínseca a seu fazer é comumente negligenciada. Para muitos biógrafos, portanto, não é uma questão de cair na tentação de dar unicidade e escrever trajetórias contínuas a seus biografados, da mesma forma que não é problema produzir uma biografia no ritmo da sucessão de eventos, selecionados para criar personagens como “figuras de proa” da história, e, ainda, não é crítico defender a relevância de uma trajetória e transformar biografados em heróis. O resultado disso, além de laudatório, é transformar as biografias em “verdadeiros tribunais de defesa” ou em defesa de valores do presente (Schwarcz,

2013, p. 52).

Há muitas formas de considerar a história. Pode-se pensar que é possível recuperar o passado, tal como ele se deu, e que fazer história é trazer para o presente ou, ao contrário, pressupor que fazer história seja produzir uma reinterpretção imaginativa do passado. Nessa perspectiva, parte-se do pressuposto de que sempre será produzida uma interpretação repleta das significações construídas, a partir do presente e das subjetividades dos que constroem atos narrativos sobre o passado.

Deve-se não imputar aos homens de outrora um conhecimento que se tem hoje. Os homens do passado não tinham o conhecimento que possuímos nem viveram até o momento presente, de forma a se tornarem conhecedores da passagem do tempo (e da história). Segundo Barbosa (2015, p. 160),

l[essas duas visões diametralmente opostas de história – ou seja, o passado único e verdadeiro e o passado como possibilidade interpretativa – se refletem nas escolhas teóricas e metodológicas. No primeiro caso, os documentos atestam o valor do passado e não há espaços para as interpretações. No segundo, percebe-se o passado também como imaginação histórica e como uma construção condicionada pelas vivências do presente.

Essa percepção é desafiadora, pois coloca em cena o entendimento de uma certa nebulosidade para o contemporâneo, o que complexifica o seu desenho no momento mesmo em que ele se dá. Agamben (2009, p. 59) explica que

[...] a contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo.

Essas relações de dissociação e anacronismo, tecidas no contemporâneo, permitem questionar qual seu próprio potencial interpretativo para entender esse fenômeno. Inquieta-nos a seguinte questão: não seria preciso tornar o contemporâneo um tempo histórico, feito passado, mediante uma ruptura instaurada no presente, para conseguirmos compreender os fenômenos

que aí se desenrolam? De que maneira essas biografias lidam com o anacronismo?

### Um passado *sempre* empreendedor: memória e reelaborações

Consideramos que a memória não trata de algo estático do passado, imutável e imune a reelaborações. Ao contrário, é precisamente um lugar para o adensamento de novas perspectivas sobre o que passou e sobre aquilo que pode ser dito neste presente. Portanto, é um lugar para admissão de esquecimentos, reinterpretações e, também, ficcionalizações (Arfuch, 2018). Seguindo Arfuch (2018), concordamos com a afirmação de que uma biografia sempre comporta a produção de uma personagem, ainda que esteja amparada por documentos que apontam uma suposta verdade essencial dos fatos. Tomamos a memória narrada por Eike Batista, em seu livro autobiográfico, bem como a trajetória de Luiza Trajano, no livro escrito pelo jornalista e apresentador Pedro Bial, como tentativas de construir personagens. A construção dessas biografias é sempre produto de referencialidade (fatos, documentos, relatos de vida, acontecimentos) e do imaginário (fabulações, reinvenções, ideologias, idiosincrasias). Ambas as dimensões não escapam da história e são lugares de disputa de significação.

Um traço comum nas duas biografias: a operação anacrônica se dá, fundamentalmente, ao falar da infância e da origem familiar. Esses são valores biográficos por excelência para falar de um *desde sempre* empreendedor. Há uma noção de devir que comporta uma existência empreendedora, de forma permanente, porém ancorada num passado de origem bem-sucedida. Muitas vezes, a noção de uma vida empreendedora está articulada, mutuamente, a esses dois valores. Não haveria, portanto, um empreendedor sem um passado de acúmulos (família) ou de uma prematuridade. Há, primeiro, um incentivo ao espírito (mentalidade, resolução e ideais) pelos pais, agentes que forneceria o exemplo, e, em um segundo momento, pelo filho, que acolheria a educação (pedagogia empreendedora) logo de início, porque já havia uma vocação (empre-

endedora) e um destino traçado para o sucesso. Distintas temporalidades participam da narração da vida empreendedora, com destaque para o passado. É o passado aquele responsável por cotejar o indivíduo a uma trajetória de sucesso, seja por aspectos distintivos "próprios" (vocação e educação familiar empreendedora) ou pelas capacidades adquiridas (trabalho e esforço) ao longo do tempo, que buscaram aperfeiçoá-lo até chegar a esse estado.

A infância e a família são valores biográficos que permitem o exercício do anacronismo de memória e da narração de si como empreendedoras. Fazer anacronismo da memória é imputar ao passado compreensões e sentidos do presente, sem balizar ou deixar evidente que algumas questões são da ordem do que vivemos contemporaneamente, e não preocupações do passado. Para isso, o anacronismo de memória se apoia, fundamentalmente, naquilo que Bakhtin (2011) define como o valor biográfico, o evento ou o sentido organizador que dá vida a uma biografia, ou seja, o que funciona como elemento crucial para narrar sobre alguém e ver a obra como biográfica. Podemos ver isso mais nitidamente na biografia de Luiza Trajano. Em diversos momentos, é possível observar o valor biográfico da família e da infância como definidores de sua própria trajetória. A família Trajano é percebida, antes de um conjunto de laços consanguíneos, como uma espécie de ideia:

Família é uma ideia, abstrata como são as ideias. Empresa é uma ficção, se torna real quando se acredita nela. Empresa familiar é quando a família não se cabe em casa. As primeiras manifestações de empreendedorismo humano foram os negócios de família. Empresas familiares têm compromisso genético com a permanência. E, para se perpetuar, não basta compartilhar o mesmo sangue. Mais que genes, são os valores que passam de geração a geração (Bial, 2022, p. 19).

A partir do valor biográfico da família, o biógrafo de Trajano estende a noção de "ser empreendedora" para sua tia, Luiza Pelegrino, que leva o mesmo nome da atual presidente das empresas Magalu (Luiza Trajano), que, no livro, é chamada de "Luiza Helena". Nessa obra, é narrada a his-

tória de vida da tia Luiza (Pelegrino), que fundou a primeira loja Magazine Luiza, nos anos 1950, quando a empresa ainda era chamada de "A Cristaleira", especializada em artigos para presentes. O curioso a pensar, contudo, é a definição de *ser empreendedora*, que é estendida à tia daquele período. Alguns termos, como a capacidade de atribuir aos funcionários as "responsabilidades de dono", são partes dos mantras corporativos da cultura neoliberal do presente. Pode-se dizer que não é possível isso existir naquele período, inclusive porque o neoliberalismo, mesmo como prática e política econômica do Estado, só foi se estabelecer no país a partir do final do século XX, especialmente com Collor. Nesse sentido, como é possível afirmar a existência de uma "mentalidade empreendedora", naquele período, especialmente utilizando os termos do presente?

A Luiza de hoje, envolvida em causas sociais, como antirracismo e políticas de desigualdade de gênero, é, do mesmo modo, biografada como a "mesma" de quando era criança, quando lutava por causas sociais no colégio de freiras. Há uma intensa produção de mesmidade na biografia de Trajano:

**Pedro** – Em seu aniversário de 13 anos, você pediu de presente a assinatura do Estadão. Que parte do jornal você começou a ler, que tomou gosto de ler? Foi na primeira página, nos quadrinhos? O que você lia?

**Luiza** – Eu lia tudo que era notícia, leio até hoje. Nunca fui de ficar aprofundando demais, mas lia de tudo. Eu discutia política desde pequena. Uma vez, meu tio Onofre me falou: "Menina, política e religião a gente não discute". Não tinha jeito, sempre discuti desigualdade social. Sempre fui muito politizada, acho que nasci politizada. Politizada no sentido de defender causas, me envolver, me sentir responsável. Não sei de onde veio isso, mas sempre fui assim, desde pequena (Bial, 2022, p. 96).

A produção de uma mesmidade não tem apenas a intenção de indicar continuidade, mas um fortalecimento de algo que já existia. No caso da vocação politizada, ao afirmar que sempre discutia política na escola, ela e seu biógrafo querem indicar que o que há hoje não é nenhuma novidade, e sim uma atuação ainda mais forte. Ao afirmar que "sempre fui assim", Luiza quer indicar uma interioridade que, nos princípios, sempre

esteve voltada à defesa dessas pautas.

O uso dos valores biográficos da infância e da origem familiar também está presente na autobiografia de Eike, empresário mineiro que ganhou forte visibilidade durante os anos 2000, especialmente nos governos Lula. Os seus "primeiros passos" no empreendedorismo se devem ao seu contato com outras culturas e pessoas de outros países, uma vez que sua família morou em muitos países europeus, apesar de ter fixado residência no Rio de Janeiro. A mãe de Eike Batista é apontada como sua precursora nesse universo, sobretudo porque ela o ajudou a vencer algumas dificuldades em sua vida, como as crises de asma, além de ter dado a ele o caráter e os valores morais.

Minha mãe era uma mulher de fibra, obstinada como poucos. Pela capacidade de caminhar pelos extremos sem jamais perder seu centro, foi o ponto de equilíbrio de nossa família. Aliava rigor e delicadeza [...]. Devo a ela não apenas a disciplina e a força de vontade, mas também uma visão de mundo inspirada pela formação germânica. Minha mãe enxergava no mundo um lugar muito bom de viver, mas palco também de uma prova de resistência que precisava ser vencida com tenacidade ferrenha e obstinação que jamais fariam desistir ao primeiro obstáculo (Batista, 2011, p. 17).

Disciplina e força de vontade, características de um empreendedor, são colocadas como características elementares para todo empreendedor. Queremos destacar que, narrativamente, atribuem-se a uma criança da segunda metade do século passado elementos de uma identidade empreendedora. A pergunta de inquietação que nos guia é a seguinte: como é possível falar do passado nesses termos? Compreendemos que, nesse regime de historicidade, que busca associar tudo e todos a um certo *ethos* do empresário de si mesmo (Foucault, 2008), há uma tendência crescente de produzir memória sob certos signos do nosso tempo. Entendemos que o passado não é estático, uma vez que pode ser lido de muitas maneiras e sob novos olhares, a partir de questões apresentadas pelos sujeitos do tempo presente. O presente é o único tempo que temos, porém o passado existe e pode ser visto de distintas maneiras, a depender de quem olha

e de como é visto. Ao olharmos comunicacionalmente para o passado, podemos reinterpretá-lo, indo além do que o anacronismo é capaz de fazer (Barbosa; Ribeiro, 2011).

O que queremos enfatizar, contudo, é o modo como esse passado é acolhido no presente. O importante é sinalizar como é possível converter acontecimentos de uma vida em fatos empreendedores. Não estamos, evidentemente, questionando se o evento narrado existiu ou não, uma vez que não são os fatos o objeto de questão principal, mas a maneira como a experiência – a vivência narrada – é mobilizada pelos mecanismos discursivos de veridicção da subjetividade neoliberal.

### O passado empreendedor: novas versões da história

Como operação fundamental para afirmar o empreendedorismo como governamentalidade, o anacronismo também precisa ser operado, na dimensão historiográfica, como um lugar de revisão da narrativa da história social. Considerando o entendimento de Ricoeur (2010a) de que a história sempre foi um lugar para retificação da narrativa social e da memória comum, analisaremos de que maneira autores como Marcovitch (2003) e Caldeira (1995, 2009) revisam momentos da história socioeconômica brasileira, a partir da figura de empresários. Compreendemos que esses autores propõem uma nova retificação dos empresários, à luz da noção contemporânea de empreendedor. Interessa-nos pensar em como características, mentalidades e pensamentos de pessoas do passado são assimilados como iguais ou semelhantes aos do tempo presente, por meio de uma construção de verossimilhança e como memória histórica do cotidiano (Barbosa; Ribeiro, 2011).

Elegemos algumas personalidades biografadas por Marcovitch (2003) e Caldeira (1995, 2009): Barão de Mauá e Guilherme Pompeu de Almeida. O primeiro, Irineu Evangelista de Souza, denominado de “Barão de Mauá”, foi um importante comerciante do Segundo Reinado brasileiro, conhecido como segundo impera-

dor, dada a sua fortuna, maior que a de Pedro II. Interessa-nos pensar em como o rótulo de empreendedor foi dado a alguém como ele, uma figura proeminente do Império, mas que era conhecido como comerciante, banqueiro, negociante e diplomata. Não havia como, no Império, pensar em empreendedores, uma vez que nem mesmo a política neoliberal, como arte de governar, era gestada, algo que só foi inicialmente pensado no final da primeira metade do século XX, no Colóquio Walter Lippmann (Dardot; Laval, 2016; Foucault, 2008). Ao analisar Barão de Mauá, destacamos alguns aspectos: (i) os usos de termos para qualificar Barão de Mauá como empreendedor do Império; e (ii) a atribuição das noções de inovação e disruptividade à ideia de empreendedor.

Além de Mauá, as duas outras figuras a serem analisadas são os irmãos Prado, netos de Antonio Prado, barão de Iguape do Segundo Reinado. Os Silva Prado foram uma das dinastias paulistas que acumularam riquezas desde o período colonial, com a economia do açúcar e do gado, e, posteriormente, nos ciclos da economia cafeeira paulista, entre o final do Segundo Império e a Primeira República. No livro de Marcovitch (2003), os irmãos Martinico (conhecido também como Martinho Prado) e Antonio Prado são vistos como empreendedores, por articularem visões de mundo disruptivas e inovadoras para aquele período. Essas descrições operam de forma sutil, marcando elementos que distinguiram essas figuras daquelas outras existentes em São Paulo naquela época. Afirmá-los como empreendedores é marcar, biograficamente, uma distinção em relação aos não empreendedores daquela época. Paradoxalmente, ao mesmo tempo que se afirma que os irmãos Silva Prado eram empreendedores, fala-se em uma época em que não havia empreendedores *como eles*. Para analisar como os Silva Prado foram posicionados como empreendedores, procurarei destacar os seguintes aspectos: (i) lugar da trajetória do avô como fonte de exemplificação e inspiração; (ii) suposta *expertise* empreendedora nas visões de negócio, especialmente no período da escravidão,

suavizada pelo biógrafo dos irmãos Silva Prado.

Tratando de Barão de Mauá, notamos que Caldeira (1995) procura tratar o comerciante e banqueiro como um empreendedor do Império – período em que a própria noção de sujeito empreendedor não existia. Além da obra de Caldeira (1995), há outra obra recentemente lançada para falar de sua vida. O livro biográfico da editora independente Le Books (Barão [...], 2018), especializada em biografias e autobiografias, foi uma das obras encontradas sobre o comerciante. Sem autor identificado, a biografia da *publisher* é mais explícita que Caldeira (1995), ao tratar Barão de Mauá como um empreendedor do século XIX, tendo utilizado o termo “empreendedor” no próprio título do livro – algo que não está presente no título de Caldeira (1995), apesar de, seguidas vezes, o autor utilizar essa palavra ao longo do texto. Como identificou Salgado (2020), o termo “empreendedor” existe desde o século XIII, a partir da palavra *entrepeneur*, de origem francesa, para tratar de homens que ascenderam nos negócios agrícolas e mercantis. Porém, a noção de sujeito-empresa só foi incorporada séculos depois, precisamente no século XX, com a mutação do *homo economicus*, que não é mais entendido como um parceiro das trocas comerciais (liberalismo), mas como um sujeito socialmente forjado, guiado por uma certa noção de liberdade orientada pela concorrência e pela autorresponsabilização absoluta diante dos outros concorrentes. Barão de Mauá é descrito como um empreendedor de verdade, em contraponto aos outros comerciantes da época. Além de capital, Mauá é descrito como alguém que possuía visão ampla do cenário econômico, acesso às classes dominantes do Império e oportunidades com capitalistas estrangeiros, como os ingleses, que “lhes abriam oportunidades inacessíveis aos empreendedores comuns” (Caldeira, 1995, p. 83).

Mauá é descrito como alguém capaz de identificar nichos de mercado e desenvolver novas indústrias, além de projetos que, segundo Caldeira (2009, p. 84), “fossem viáveis e completamente desvinculados da esfera governamental”. Porém, não há menção aqui ao fato de que a própria

constituição do sucesso, nos empreendimentos de Mauá, dependia fortemente das concessões do Império. Assim, ele seria visto como aquele que soube enxergar “oportunidades” para financiar e criar negócios, especialmente no período da industrialização. Mauá viveu num período de recolhimento da escravidão e troca pelo trabalho livre de imigrantes europeus, processo que foi se efetivar após a abolição e o início da Primeira República. Portanto, não havia uma razão iluminadora individual capaz de enxergar possibilidades, mas processos sociais, econômicos e políticos nos quais Mauá estava implicado como importante empresário do Império, sendo fiador da escravidão. O Barão, inclusive, possuía escravizados em suas companhias, fato esse suavizado por Caldeira (1995) ao creditar que não havia alternativas para o empresário continuar nos seus projetos de industrialização, uma vez que a escravidão seria um fato incontornável. Há uma série de desresponsabilizações da atuação de Mauá e sua família no período da escravidão:

A ordem que os conservadores tinham montado, e à qual os liberais tinham se rendido por não vislumbrarem alternativa, se compunha de uma lição básica: no mundo alguns deveriam se limitar a mandar, outros a executar as tarefas que lhes cabiam. Tudo o que não podia ser explicado por esse axioma básico, tudo o que ficava no meio desse mundo em branco e preto, se constituía num problema difícil de resolver, para patrões ou empregados. O trabalho em troca de salários existia, porém mais como um acidente inevitável que como regra. Era uma solução pouco razoável, um arranjo temporário que deveria ser abandonado na primeira oportunidade que surgisse. Por isso, mesmo com dinheiro e sem entusiasmo pela escravidão, Irineu só podia contar com seus 184 escravos para tocar a empresa. Eles formavam o grande núcleo de trabalhadores no Rio de Janeiro que suportavam a ideia de viver do trabalho manual, pois não tinham alternativa. A única opção existente para o emprego de escravos era a importação de trabalhadores europeus, formados longe das ideias de degradação do trabalho que corriam no país (Caldeira, 1995, p. 84-85).

O anacronismo operado pelo biógrafo Jorge Caldeira opera ao contrário daquilo que Rancière (2011) define como exercício do historiador. Para ele, o gesto anacrônico sempre fez parte do campo da história, uma vez que olhamos o pas-

sado a partir de questões do presente, ou seja, não apenas a partir daquilo que imaginamos ser as únicas possibilidades de pensamento e ação dos sujeitos na história. Há, em vez disso, dificuldades de complexificar a relação de Mauá com o contexto histórico em que ele vivia. O tal "empreendedor", se olharmos com devido cuidado, era alguém aliado ao sistema de poder daquela época.

A atribuição de Mauá como empreendedor também opera a partir de aproximações com figuras mais contemporâneas, como Assis Chateaubriand. Lira (2007) parte desse anacronismo ao associar as noções de disrupção, a posição de "assumir riscos" e a visão de novas oportunidades como características de todo o empreendedor. Partindo de noções contemporâneas associadas a uma gramática do discurso empreendedor, o autor transpõe, mecanicamente, categorias do presente ao passado e indica que o século XX somente confirmou o "ser empreendedor" à ideia de administração e gestão de empresas, esquecendo-se de mencionar a dimensão subjetiva do processo, como bem estudado por Foucault (2008) e outros autores sobre o tema (Dardot; Laval, 2016; Lazzarato, 2011).

Posição semelhante à de Caldeira (1995), quanto à participação de Mauá na escravidão, é partilhada por Marcovitch (2003), quando analisa biograficamente a trajetória dos Silva Prado, especificamente de Antônio da Silva Prado Júnior e Martinico da Silva Prado, netos de Antonio da Silva Prado. Os Silva Prado são narrados como indivíduos que souberam aproveitar as dificuldades para vencer, especialmente no momento em que a sociedade empresarial vivia a transição do escravismo para o trabalho livre. Primeiramente, Marcovitch (2003) chega a falar que havia uma ambiguidade na posição dos irmãos Prado sobre a escravidão, devido a um dos trechos de um diário, em que ele trata dessas "relações trabalhistas":

Na tarde de domingo, 8 de dezembro de 1876, passei revista dos escravos, fiz-lhes ver que, de então por diante, iam trabalhar para mim, e que, pretendendo e desejando ser bom senhor, queria que eles fossem bons escravos,

que havia de trata-los bem, dando-lhes terra para plantarem suas roças, e, se quisessem trabalhar nos domingos, não consentindo eu que fossem trabalhar para os vizinhos, como era costume, trabalhassem para mim que eu pagar-lhes-ia. Eles mostraram-se satisfeitos (Marcovitch, 2003, p. 41).

A visão de Marcovitch (2003) sobre a posição deles em relação ao regime escravista é equívoca, ao descrevê-los como "pragmáticos" (ou seja, a favor da escravidão até a substituição por imigrantes brancos). Marcovitch (2003) esquece, contudo, de mencionar que permanece uma mentalidade racista desses chamados *empreendedores*, que obtiveram sucesso em suas famílias num contexto de colonização, exploração e coisificação de pessoas negras escravizadas. Tal raciocínio subsidia uma noção equivocada de que, naquele passado, havia excepcionalidades empreendedoras. A qualificação dos irmãos Prado como empreendedores é utilizada apenas por Marcovitch (2003, p. 53-54), sendo que nenhuma de suas referências historiográficas utiliza o termo, preferindo-se usar "empresário" ou "comerciante".

Além disso, o biógrafo relativiza a ligação dos irmãos Prado com a monarquia e a relação com o desenvolvimento de sua fortuna. Para ele, a relação da família com a monarquia e o Partido Conservador "nada indica um favorecimento maior do que seria de se esperar dados os costumes e as circunstâncias do tempo" (Marcovitch, 2003, p. 35). Tal afirmação nos faz pensar que a narração de uma história de vida implica considerar os contextos comunicacionais que fizeram parte da vida dos indivíduos, mas nenhuma narração do contexto escapa das ficcionalizações sobre o passado, que podem dialogar menos ou mais com os referentes. A visão de Marcovitch (2003) sobre os irmãos Prado é só uma versão da história: aquela que tenta encampar a ideia de que sempre houve empreendedores no Brasil, bastando somente os enxergar como mereciam. A proposta do autor é "atualizar" o passado, a contragosto da historiografia. Esse pensamento também está aliado à narração do valor biográfico da família, especialmente do seu avô, como inspiração dos irmãos Prado para chegarem até onde estive-

ram – seu avô, Antônio da Silva Prado, o Barão de Iguape, cafeicultor e político da Província de São Paulo no Primeiro Império.

A produção de uma ilusão biográfica – nos termos de Bourdieu (2006) – sobre os netos é realizada a partir dos feitos de Barão de Iguape como cobrador de impostos, no início do século XIX, e, ainda, como comerciante, que conseguiu sair de Goiás e chegar a São Paulo, com capitais para formar grandes negócios. Antônio da Silva Prado era alguém considerado destemido, por cobrar impostos e combater a sonegação nas províncias para a monarquia. O foco e o sucesso sobre o comércio se deviam, segundo Marcovitch (2003, p. 32), à "análise que fez das dificuldades características desse negócio e à estratégia traçada para enfrentá-las". O biógrafo chega a assinalar que o Barão de Iguape tinha uma visão realista sobre os negócios, a qual, para ele, "hoje seria classificada de gestão por resultados" (Marcovitch, 2003, p. 33).

### Considerações finais

O que observamos aqui é que o anacronismo, nas biografias analisadas, é estratégico, na medida em que valoriza e defende os valores neo-liberais contemporâneos, um modo de afirmar o novo espírito do capitalismo (Boltanski; Chiapello, 2009). Os livros analisados afirmam mais sobre quem somos hoje – e sobre os ideais de subjetividade associados à engenharia pessoal para a construção de um eu empreendedor. O empreendedorismo não tem história. É praticamente algo a-histórico, sem localização específica de sua emergência e construção social. Assim, é possível defender que é empreendedor um homem do período colonial brasileiro. São formas, também, de incensar todos aqueles que se importam com as demandas incessantes colocadas sobre nós para nos tornarmos mais do que somos, para nos tornarmos empreendedores de nós mesmos e para maximizar e otimizar nossas capacidades, de maneira que alinhem a identidade pessoal e a responsabilidade política. O imperativo de agir como um empreendedor se tornou onipresente nas sociedades ocidentais contemporâneas. Há

um impulso para orientar pensamento e ação no objetivo do sucesso de mercado que dita as esferas privada e profissional. A vida agora parece ser cada vez mais governada pela competição por poder, dinheiro, condicionamento físico e juventude. Mas sempre foi assim? O eu empreendedor contemporâneo é levado a melhorar, mudar e se adaptar, constantemente, a uma sociedade capaz apenas de produzir vencedores e perdedores. Esse mesmo eu é convidado a explorar a série de justaposições criadas por esse chamado ao empreendedorismo. Embora possa expor um potencial desconhecido, leva a desafios excessivos. Pode fortalecer a autoconfiança, mas também exacerba o sentimento de impotência; pode libertar a criatividade, mas também gera raiva sem limites. A competição é movida pela promessa de que somente os capazes colherão sucesso, porém nenhuma quantidade de esforço pode remover o risco de fracasso. O indivíduo não tem escolha a não ser equilibrar a contradição entre a esperança de ascensão do sucesso e o medo do declínio e do fracasso.

Nossa análise das biografias de empresários tornados empreendedores nos permitiu observar como as forças de mercantilização estão moldando retratos populares do empreendedorismo, de modo que ofereçam uma visão convincente de trabalho significativo centrado na solução de problemas sociais urgentes na vida de certas figuras, como Luiza Trajano. São biografias que celebram um relato entre trabalho e vida centrado no sacrifício pessoal e no compromisso social.

Essas biografias lidam com os biografados como "alegorias", no sentido de dizer uma coisa enquanto significa outra, produzindo metáforas e novos sentidos sobre o apresenta (representa) – nesse caso, escrever sobre o passado enquanto pensa sobre o presente, buscando reforçar os valores atuais. Um anacronismo era, originalmente (na tradição histórica), um erro cometido no curso da produção de um sincronismo entre um sistema cronológico e outro. Nessas biografias, o passado parece elucidar ou exemplificar o presente – e a necessidade de promover, pessoal e profissionalmente, o "eu empreendedor".

## Nota de homenagem a Igor Sacramento

Este texto é fruto de pesquisas conduzidas por mim e Igor Sacramento (*in memoriam*), meu eterno orientador e um amigo que a vida me deu. Igor sempre acreditou na reflexão profunda e transformadora. Infelizmente, hoje ele não está aqui acompanhando esta nossa primeira publicação juntos, mas sei que está orgulhoso do nosso trabalho, onde quer que ele esteja. Saudades eternas!

## Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Argo, 2009.
- ARFUCH, Leonor. *La vida narrada*. Villa María: Eduvim, 2018.
- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- BARÃO de Mauá: empreendedor do império. São Paulo: Le Books, 2018.
- BARBOSA, Marialva. Comunicação e usos do passado. *Logos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 22, p. 154-162, 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/logos/article/view/19561>. Acesso em: 16 jun. 2025.
- BARBOSA, Marialva; RIBEIRO, Ana Paula Goulart (org.). *Comunicação e história*. Florianópolis: Insular, 2011.
- BATISTA, Eike. *O X da questão*. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 222-234.
- BIAL, Pedro. *Luiza Helena: mulher do Brasil*. São Paulo: Gente, 2022.
- BLOCH, Marc. *Apologie pour l'histoire ou Métier d'historien*. Paris: Armand Colin, 1993.
- BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina; PORTELLI, Alesandro. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 183-191.
- BURKE, Peter. Triumphs and poverties of anachronism. *Scientia Poetica*, Berlin, v. 10, p. 291-298, 2006.
- CALDEIRA, Jorge. *História do Brasil com empreendedores*. São Paulo: Mameluco, 2009.
- CALDEIRA, Jorge. *Mauá: empresário do império*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- CASTRO, Bruno Fernando. Escrita de si, escrita de(ou) outros: biografia e vestígios narrativos do passado. In: BARBOSA, Marialva; RIBEIRO, Ana Paula Goulart (org.). *Comunicação e história*. Florianópolis: Insular, 2011. p. 245-261.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DRIESENS, Olivier. A celebritização da sociedade e da cultura: entendendo a dinâmica estrutural da cultura da celebridade. *Ciberlegenda*, Niterói, n. 31, p. 8-25, 2014. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36959>. Acesso em: 16 jun. 2025.
- EHRENBERG, Alain. *O culto da performance*. Aparecida: Ideias & Letras, 2010.
- FARGE, Arlette. *O sabor do arquivo*. São Paulo: EDUSP, 2022.
- FEBVRE, Lucien. *Le problème de l'incroyance au XVIe siècle*. Paris: Albin Michel, 1968.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade*. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2022. v. I.
- FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- HARTOG, François. *Regimes de historicidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- LAZZARATO, Maurizio. *O governo das desigualdades*. São Carlos: EdUFSCar, 2011.
- LIRA, Rodrigo Anido. O discurso do empreendedor. *Perspectivas Online*, Campos dos Goytacazes, v. 1, n. 2, p. 45-61, 2007. Disponível em: [https://www.perspectivasonline.com.br/revista\\_antiga/article/view/252](https://www.perspectivasonline.com.br/revista_antiga/article/view/252). Acesso em: 21 jun. 2025.
- LORAU, Nicole. Elogio do anacronismo. In: NOVAES, Adauto (org.). *Tempo e história*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura: Companhia das Letras, 1992. p. 57-70.
- MARCOVITCH, Jacques. *Pioneiros & Empreendedores*. São Paulo: EDUSP, 2003. v. 1.
- NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. *Revista Projeto História*, São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993. Disponível em: <http://repositorio.asc.es.edu.br/handle/123456789/3153>. Acesso em: 16 jun. 2025.
- RANCIÈRE, Jacques. O conceito de anacronismo e a verdade do historiador. In: SALOMON, Marlon (org.). *História, verdade e tempo*. Chapecó: Argos, 2011. p. 21-50.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010a. v. I.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010b. v. III.
- SACRAMENTO, Igor. A biografia do ponto de vista comunicacional. *MATRIZES*, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 153-173, 2014. Disponível em: <https://revistas.usp.br/matriz/es/article/view/90452>. Acesso em: 16 jun. 2025.
- SALGADO, Julia. *Entre solitários e solidários: o empreendedor como trabalhador ideal*. Curitiba: Appris, 2020.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Biografia como gênero e problema. *História Social*, Campinas, v. 17, n. 24, p. 51-74, 2013. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/rhs/article/view/1577>. Acesso em: 16 jun. 2025.

SODRÉ, Muniz. *A ciência do comum*. Petrópolis: Vozes, 2014.

---

### Marcelo dos Santos Marcelino

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

---

### Igor Sacramento

Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutor em Comunicação pela UFRJ.

---

### Endereço para correspondência

#### Marcelo dos Santos Marcelino

Rua São Francisco Xavier, 524

Sala 10.001, Bloco A, 10º andar

Maracanã, 20550-900

Rio de Janeiro, RJ, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.*